

Antonio Carlos Porto Araujo *

Nessas últimas semanas muita discussão foi motivada pela escolha de eventual espaço para a construção de um novo estádio de futebol na cidade de São Paulo, apto a receber a abertura da Copa do Mundo de 2014. Parece que há uma tendência de que seja definido como próprio um local no bairro de Pirituba.

Para que essa decisão não ocorra por pênaltis, deve-se jogar uma partida em que haja possibilidade de que não sejam impostas as derrotas ao meio-ambiente, aos cofres públicos e à própria sociedade, destinatária final das políticas públicas e democráticas.

No sentido de criar real aproveitamento do potencial esportivo, social, econômico e ambiental, por exemplo, toda escolha deverá ser precedida por racionalidades e atendimento de perenidade e aproveitamento futuro.

Em Pirituba já é noticiado que o local apresenta índices alarmantes de contaminação por metais pesados, com eventual necessidade de descontaminação. Isso demandará um tempo precioso que poderá prejudicar a agenda, já que estamos a menos de quatro anos para a Copa no Brasil.

Novamente, é preciso pressionar para que decisões sejam tomadas com maior necessidade de observância de cuidados ambientais em um mundo que cobra atitudes ecológicas e sociais que tenham aderência e responsabilidade com as gerações futuras.

Sendo assim, nada mais pertinente que colocar no debate um elemento capaz de promover os eventos de abertura da Copa — significando direcionamento para novas políticas públicas e criação de oportunidades sociais relevantes.

A ideia seria construir uma arena multiuso, ampla e inteligentemente estruturada, com um caráter versátil que permitiria seu uso intenso por todos os setores da sociedade, para shows esportivos, artísticos e culturais. A cidade de São Paulo precisa de um novo estádio onde se pratique mais esporte verde. Uma nova arena multiuso, onde se apresentem como fundamento dos entretenimentos a responsabilidade social e ambiental.

Muito mais interessante do que em Pirituba, o lugar ideal para a construção desse grande complexo, com aproximadamente 300 mil metros quadrados de área, seria a região hoje apelidada de “cracolândia”, que, assolada pelo tráfico de drogas, tornou-se um triste símbolo da degradação do centro de São Paulo.

A região dispõe de localização privilegiada e ótima acessibilidade, com integração rápida e intermodal (trem, ônibus e metrô), e fica próxima da futura parada do trem-bala que ligará Campinas, São Paulo e Rio de Janeiro. Isso representa atender um dos maiores requisitos, que é, sobretudo, viabilizar o sistema de mobilidade urbana até o local.

O atendimento a essa questão de mobilidade deve representar a mitigação de emissão de milhões de toneladas de CO₂ não só para o evento Copa, mas durante toda a vida útil da nova arena multiuso, com megaeventos esportivos e de entretenimento.

Seu entorno é bem servido de hotéis e restaurantes, e um projeto de excelente potencial turístico motivaria os empresários do ramo a inaugurar e expandir estabelecimentos na região. O aproveitamento da área resultaria em inúmeras vantagens, mas a principal delas, certamente, é a revitalização de um ponto importante da cidade. O peso simbólico da vitória da saúde sobre as drogas, da cidadania sobre a marginalidade, faria um enorme bem à autoestima dos brasileiros e fortaleceria a nossa certeza de que a redenção é possível – basta

haver planejamento e disposição para agir e transformar!

* Antonio Carlos Porto Araujo é consultor da área de sustentabilidade da Trevisan.
E-mail: antonio.araujo@agrociclo.com.br.